

SÓ CARIOQUICES

por FRED SOARES (@FREDAOSORES)



Fred Soares

O carro Berço do Samba, uma louvação a bambas do Estácio de todos os tempos

UMA IMAGEM QUE CONTA A CIDADE

DIZ A FOLHINHA QUE O CARNAVAL acabou. Bobagem. O calendário é uma convenção para os que não sabem carregar a festa na alma. Para este que vos escreve, é tudo uma simples troca de turno: o samba sai da avenida e passa a morar, em estado de graça, nos espasmos da memória. Às vezes, essa estadia dura uma vida inteira. E assim será, por exemplo, em razão de uma imagem que se instalou, sem pedir licença, no meu coração.

FALO DO “BERÇO DO SAMBA”, aquele tripé de uma simplicidade monumental, fruto da sensibilidade de Tarcizio Zanon, no desfile campeoníssimo da Viradouro em homenagem a Mestre Ciça. Ali, o artista não esculpiu apenas formas; ele moldou o tempo. Naquela estrutura, o Estácio se fez carne. Estavam lá, de pé, no mesmo destino, quatro pilares da nossa civilização urbana: Luiz Gonzaga Jr., o Gonzaguinha; Luiz Melodia, o “Pérola Negra”; Alcebíades Barcelos, o Bide; e Ismael Silva, o monarca absoluto, o homem que inventou o samba como o conhecemos.

AO MIRAR AQUELE CONJUNTO, experimentei o que Clarice Lispector chamava de instante-já. Um conceito de quarta dimensão que suspende o mundo. O instante-já não é o “agora” corriqueiro, esse que escorre pelo ralo enquanto pensamos nele. É um agora espesso, denso, um ponto de concentração onde o tempo resolve desobedecer ao relógio e ao calendário. Não é lembrança vã, nem expectativa ansiosa. É presença absoluta. É como se o passado e o futuro, cansados de correr em direções opostas, resolvessem finalmente se abraçar e caber na mesma respiração. O instante-já não dura; ele é.

NAQUELE TRIPÉ ESTAVA condensada a força telúrica do Morro de São Carlos. O enredo da Viradouro homenageava Mestre Ciça, também cria daquela geografia sagrada, e o elemento cenográfico era o portal para o nascimento da música urbana genuinamente carioca. Desde o início do século 20, o São Carlos já oferecia ao Rio talentos da envergadura de Ismael e Bide. Foi no Largo do Estácio que o samba abandonou o diletantismo das rodas de fundo de quintal para ganhar a cadência do desfile. **ALI, O RITMO DEIXOU DE SER APENAS** som para se tornar arquitetura; virou o fundamento das escolas de samba, a gramática do asfalto.

DÉCADAS DEPOIS, O MESMO CHÃO produziria outra inflexão na nossa alma musi-

cal. Gonzaguinha e Luiz Melodia, mantendo o samba como raiz e o caráter popular como escudo, renovaram a canção da cidade. Eles souberam dialogar com a sofisticação dos festivais, ampliaram o vocabulário da MPB, mas nunca cortaram o cordão umbilical com o morro. O Estácio, mestre em reinvenções, provava que a vanguarda também tem cor e cheiro de favela.

E COMO ESQUECER DE DOMINGUINHOS do Estácio? Outro filho dileto dessa geografia, também reverenciado naquele desfile. Dominginhos foi o elo, o cantor do Bafo da Onça, a voz da Unidos de São Carlos, o embrião da Estácio de Sá, até se tornar um colecionador de títulos em outras bandas. Certa vez, o querido Domingos me contou, com aquele brilho nos olhos de quem viu a história ser escrita, que conviveu com Gonzaguinha e Melodia. É a História com “H” maiúsculo se misturando à vida miúda, à descida do morro no fim de tarde, ao café com pão que não cabe nas enciclopédias oficiais, mas que alimenta a alma de um povo.

CAUSA ESPANTO, OU DEVERIA causar, que uma única favela da região central do Rio tenha sido o epicentro de dois momentos seminais da nossa cultura: a consolidação do samba e a renovação da canção em tempos de chumbo e mordação. Mas, pensando bem, a surpresa é apenas a nossa ingenuidade batendo à porta. Lugares de margem aprendem cedo a criar, a se reinventar como estratégia de sobrevivência. Onde falta o Estado, sobra o gênio. Onde a bala reprime, a canção liberta.

PARA O FOLIÃO APRESSADO, aquele tripé passou como mais uma referência cenográfica, um adereço no meio do turbilhão carnavalesco.

PARA MIM, FOI UMA autodeclaração de reconhecimento, um soco de poesia no estômago da indiferença. No meu instante-já, o Morro de São Carlos não era um passado glorioso de museu, nem uma promessa futura de redenção. Era fundamento vivo. Palpitante.

QUANDO A ORIGEM SE MOSTRA ASSIM, sem pedir licença e com tamanha dignidade, a gente finalmente entende: certas geografias não produzem apenas artistas. Elas produzem potência. Produzem História. Produzem vida em estado puro. O carnaval pode até ter ido embora para os distraídos, mas para quem viu a Viradouro com a alma de Estácio passar, a festa apenas começou pra jamais terminar.



Divulgação

Macha Y El Bloque Depresivo aposta na canção que arregaça corações

Sem medo de ser melancólico

Banda chilena Macha y El Bloque Depresivo estreia no Rio com um repertório que atravessa o continente americano entre boleros, valsas e desilusões

AFFONSO NUNES

Cinquenta e dois mil pessoas num estádio de futebol não é o tipo de plateia que costuma caber num subsolo. Mas é exatamente essa equação que faz da estreia da Macha y El Bloque Depresivo no Rio um acontecimento interessante. A banda chilena, que lotou o Estádio Nacional de Santiago em dezembro, escolheu o Manouche para sua estreia carioca e os ingressos de quinta-feira esgotaram antes que alguém percebesse.

A história do grupo começa muito antes do estádio — e num lugar bem menos glamoroso. Aldo Asenjo, o “El Macha”, nasceu em 1968 em Villa Alemana, cidade de 150 mil habitantes no interior do Chile com forte tradição de rock alternativo. Depois de passar por bandas de ska e rock pesado com La Floripondio — com quem chegou a turnê pela Europa, tocando em bares e casas ocupadas — e de fundar o Chico Trujillo, projeto de cumbia que curiosamente fez mais sucesso em Berlim do que em Santiago, El Macha encontrou no romantismo o seu território definitivo.

O Bloque Depresivo nasceu, conta a história, como um intervalo nos shows do Chico Trujillo: um bloco de canções tranquilas, melancólicas, que o próprio Macha inseria para baixar a temperatura do baile. O público ficava. E ficava cada vez mais. Fundado

oficialmente em 2010, o grupo construiu sua trajetória à margem das lógicas comerciais — sem entrevistas, sem promoção em rádio, sem o apoio da indústria. O fenômeno se espalhou de boca em boca, show a show, vídeo a vídeo, numa progressão orgânica que eventualmente encheu o Théâtre de la Ville em Paris e, quinze anos depois, o maior estádio do Chile. “Não é moda, é identidade”, resumiu a jornalista musical Marisol García, autora do livro Llorar, corazón. El latido de la canción cebolla.

O que atrai tanta gente não é exatamente novidade, mas talvez seja por isso que funciona tão bem. Vocalista, compositor e alma do grupo, Asenjo montou um repertório que aposta no que o pop há muito abandonou: a canção que dói. Boleros porto-riquenhos, valsas peruanas, o tranco sincopado do son cubano, o peso dramático dos cantores mexicanos — tudo aquilo que a indústria foi descartando agora volta embalado numa estética sem medo de cantar o romantismo e a melancolia.

A lista de referências diz muito sobre a intenção do projeto. Silvio Rodríguez, Víctor Jara e Chavela Vargas — vozes que carregam história política tanto quanto história musical — dividem espaço com Sandro, o ídolo pop argentino de cabelos negros e fás em desespero, com o afro-peruano Zambo Cavero e com o Trio Matamoros, escola fundadora do bolero cubano. Entra ainda a banda italiana Matia Bazar, dos anos 80, e o cantor Jorge “Negro” Farías num repertório que trata o erudito e o popular com a mesma reverência.

Numa era em que algoritmos fragmentam o gosto musical, o Macha y El Bloque Depresivo zarpa na direção oposta ao devolver ao público uma América Latina que ele talvez não soubesse que sentia falta.

SERVIÇO

MACHA Y EL BLOQUE DEPRESIVO

Manouche (Rua Jd. Botânico, 983) | 26/2, às 21h | Ingressos esgotados